

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: possibilidades e desafios no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Karla Pereira Costa ¹
Joelma Silva Amaral Vieira ²
Rose Mary Soares Ribeiro ³
Rozilma Soares Bauer ⁴
Nágela Mary Lima ⁵

RESUMO

O presente estudo justifica-se por fazer necessário o olhar atencioso para a prática da avaliação da aprendizagem, a fim de se buscar a concepção mais adequada à realidade de cada sala e aluno. Sua problemática integra: Quais as concepções que os docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental apresentam sobre a avaliação da aprendizagem? Quais as possibilidades e desafios no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental? O objetivo geral do trabalho foi compreender as concepções de avaliação da aprendizagem, utilizadas pelos docentes das séries iniciais do Ensino Fundamental e sua relação com a avaliação formativa do educando. E os específicos visam discutir elementos teóricos que embasam as concepções de avaliação da aprendizagem e da avaliação numa perspectiva formativa, conceituar as diferentes concepções de avaliação da aprendizagem utilizadas nos iniciais do Ensino Fundamental e caracterizar as diferentes formas de avaliação utilizadas pelos docentes nos anos iniciais do ensino fundamental no processo de alfabetização e letramento. A pesquisa foi realizada a partir da revisão bibliográfica com aporte teórico dos autores; Cagliari (2017), Ferreiro (2016), Freire (1997), dentre outros. Assim, constatou-se que a prática da avaliação da aprendizagem no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental se destaca nos preceitos da LDB e demais institutos legais da educação, observados na prática docente como fator essencial no desenvolvimento do educando, promovidos a partir da avaliação da aprendizagem e suas perspectivas no contexto educacional.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – Ma, karlapereira988@gmail.com;

² Joelma Silva Amaral graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – Ma, joelmasilvaamaralvieirajoelma@gmail.com

³ Professora.Mestre pelo Curso em Ciências da Educação pelo Instituto Pedagógico Latino-Americano e Caribeño-IPLACARG, em convênio com a Universidade Estadual do Maranhão – Ma, rosemaryjovita@hotmail.com;

⁴ Professora.Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão – Ma, bauerrozilma@hotmail.com;

⁵ Professora orientadora: Mestre pelo Curso em Ciências da Educação pelo Instituto Pedagógico Latino-Americano e Caribeño-IPLACARG em convênio com a Universidade Estadual do Maranhão – Ma, nagelaliima@hotmail.com.

Palavras-chave: Avaliação; Aprendizagem, Ensino Fundamental, Possibilidades, desafios.

INTRODUÇÃO

Há tempos o conceito de avaliação da aprendizagem envolve todos os que fazem parte do contexto educacional, no entanto, ela, na prática, se resume a avaliar os indivíduos de maneira metódica no qual verifica, mede e os classifica ao término de uma determinada etapa de aprendizagem caracterizando de maneira errônea. Com isso, atualmente a avaliação da aprendizagem tem sido, constantemente, objeto de estudos por parte dos teóricos de várias tendências pedagógicas que têm chegado ao consenso de que esta prática deverá ser transformada a partir das vivências e dos avanços educacionais dos alunos em sala de aula e fora desta.

Assim, nos últimos anos, ou décadas a discussão sobre essas mudanças fez com que várias instituições de ensino avançassem na eliminação da avaliação da aprendizagem no sentido tradicional, trazendo consigo novas concepções dos educadores que passaram a ter uma visão mais abrangente do real sentido de avaliação, embora sejam conscientes da sua importância, pouco a põem em prática em seu cotidiano, carecendo de um olhar mais crítico sobre a sua práxis.

O que se constata é que os professores ficam ainda profundamente envolvidos com o que é ministrado em sala de aula e isso acaba por influenciar diretamente na vida destes no futuro, pois a cada ano perdido na escola a tendência é que estes se desmotivem a continuar sua caminhada educacional, consolidando-se no fracasso escolar.

Diante do contexto abordado o presente estudo justifica-se por fazer necessário voltar o olhar para estas práticas, a fim de se buscar a concepção mais adequada à realidade de cada sala e de cada aluno, com vistas ao avanço do processo de ensino e aprendizagem, quando se trata do processo avaliativo. Tem como problemáticas abordadas: Quais as concepções que os docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental apresentam sobre a avaliação da aprendizagem? E, também: Quais as possibilidades e desafios que são impostos no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Logo, sabe-se que as concepções de avaliação são muito

abrangentes, dessa forma o ambiente escolar pode apresentar diferentes formas de se trabalhar, levando o discente a uma formação integral e evolutiva.

Deste modo, o presente estudo primou pelo objetivo geral que foi compreender as concepções de avaliação da aprendizagem, utilizadas pelos docentes das séries iniciais do ensino fundamental e sua relação com a avaliação formativa do educando. E seus objetivos específicos destacam discutir elementos teóricos que embasam as concepções de avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa, conceituar as diferentes concepções de avaliação da aprendizagem utilizadas nos iniciais do ensino fundamental e caracterizar as diferentes formas de avaliação utilizadas pelos docentes nos anos iniciais do ensino fundamental.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido sob uma abordagem de pesquisa exploratória com a abordagem e uso do método qualitativo, conforme Gil (2018, p. 175) destaca: “(...) a obtenção de um sentido mais amplo para os dados analisados, o que se faz mediante sua ligação com conhecimentos disponíveis, derivados principalmente de teorias.” Associados assim, aos estudos de investigação bibliográfica, que segundo este autor, permite ao investigador a cobertura de uma vasta gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente e, por ser esta uma pesquisa que deseja compreender os aspectos que envolvem o processo de avaliação da aprendizagem, fez-se necessária a análise de teóricos que abordam o tema para melhor clarificar as ideias defendidas no mesmo.

A pesquisa bibliográfica está fundamentada em seu aporte teórico apresentando conceitos e abordagens teóricas de autores renomados como Cagliari (2017), Ferreira (2016), Freire (1997), sem esquecer de Kramer (2017), Orlandi (2016), Orlandi e Otoni (2016), Rabelo (2016), Sasaki (2017) dentre outros materiais publicados, como revistas científicas, dissertações, teses,...

POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nos anos iniciais há um consenso entre os professores do ensino fundamental que os principais desafios do processo de ensino-aprendizagem são a leitura e a escrita, de

modo que representam possibilidades no acesso à educação de qualidade quando os alunos aprendem mais rápido, pois essas práticas proporcionam melhorias na captação das informações ministradas em sala de aula (ZABALA, 2013).

Sobre a escrita, de acordo com Ferreiro (2016), pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como código de transcrição gráfica das unidades sonoras; é um processo histórico de construção de um sistema de representação. Porém, o indivíduo enfrenta dificuldades quanto à construção do sistema e ela reinventa esses sistemas. Deve-se respeitar este indivíduo, reconhecer que ela não pede permissão para aprender. O "saber" do indivíduo significa que ela já construiu algum conceito a respeito das letras. Ele pode conhecer o nome e seu som, sem conhecer o sistema de escrita e começa a desenhar, a traçar os nomes de acordo com o que entendem por si mesmas.

Com a interferência do professor eles recebem a forma das letras da sociedade e as adotam tal e qual. Começam aí os conflitos particulares: ela descobre que não basta uma letra ou sinal ou traço para representar uma sílaba, a quantidade de sons não corresponde à quantidade de letras e vice-versa (CAGLIARI, 2017).

Devemos compreender então, que a este aprendiz não é algo onde inscrevemos letras, palavras segundo determinado método, mas devemos aceitar que toda informação assimilada por ela deve ser trabalhada. Se não for assim, ele chega à convicção que o conhecimento não é algo participativo, mas já estabelecido, imutável. Ele chega letrada à escola, envolvida com a escrita, conhece logotipos, sinais do ambiente onde está inserida (KRAMER, 2016, p. 31).

Na escola, este conhecimento vai ser formalizado, a criança vai ser alfabetizada. Cabe ao professor interferir, mediar estas informações que a criança traz dentro de sua realidade, respeitando principalmente seus limites.

Os métodos de alfabetização alternam-se em um movimento pendular: a opção pelo princípio da síntese – a alfabetização a partir das unidades menores da língua – os fonemas, as sílabas em direção às unidades maiores – a palavra, a frase, o texto (método fônico, método silábico) ou a opção pelo princípio da análise, a alfabetização parte das unidades maiores e portadoras de sentido – a palavra, a frase, o texto – em direção às unidades menores (método da palavração, método da sentencição, método global) (ORLANDI, 2016).

No entanto, os estudos que esclarecem tanto os processos de aprendizagem quanto os objetos da aprendizagem da língua escrita, e as relações entre aqueles e estes, evidenciam que privilegiar uma ou outra faceta, subestimando ou ignorando outras, é

um equívoco, um descaminho no ensino e na aprendizagem da língua escrita, mesmo em sua etapa inicial. A prática docente deve integrar as várias facetas. Integrar e articular os dois processos, pois eles são indissociáveis, simultâneos e interdependentes (FERREIRO, 2016).

O indivíduo alfabetiza-se (toma conhecimento do sistema alfabético e ortográfico) em situações de letramento – no contexto de e por meio de interação, de sua participação em práticas sociais de leitura e escrita. O alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando, integrando e articulando as várias facetas do processo de aprendizagem é o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando na escolarização. “Com base na teoria de Piaget, o processo pelo qual o indivíduo aprende a ler e escrever e mostra que, para a língua escrita, a criança precisa construir resposta para duas questões: o que a escrita representa e como ela representa” (SILVA, 2015, p. 64).

É visível que este procura compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta. Interagindo com a escrita, busca regularidade, constrói sistemas de interpretação, pensa, raciocina, inventa, coloca à prova suas antecipações; reinventa o idioma escrito, esse objeto social particularmente complexo. Ele deve compreender seu processo de construção e regras de produção. Isso é fácil dizer, mas difícil de aplicar de forma coerente e sistemática na prática. Chega à escola com notável conhecimento da língua materna, um saber linguístico que utiliza inconscientemente, nos atos diários de comunicação.

Ele está exposto à influência de uma série de ações que envolvem a escrita. Alguns chegam à escola sabendo mais do que outras e é necessário que o educador saiba perceber os fatos. Deve identificar o nível de apropriação linguística de cada uma e promover atividades ricas, prazerosas e desafiadoras que lhe deem oportunidades para interagir com a linguagem escrita e construir conhecimentos.

Um aluno intelectualmente ativo não é o que faz muitas coisas ou tem uma atividade observável. É aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza. É o sujeito que, segundo Piaget, procura ativamente compreender o mundo que o cerca, buscando as interrogações que este mundo lhe propõe (FERREIRO, 2016, p. 85).

Por muitos anos se acreditou que o fundamental para alfabetizar os alunos era o treino da memória, da coordenação motora, da discriminação visual e auditiva e da noção de lateralidade. A partir das pesquisas científicas sobre como se aprende a ler e escrever, é que a alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o

funcionamento e as regras do sistema alfabético e que é extremamente complexo, que demanda procedimentos de análise também complexos por parte de quem aprende; e pode-se constatar que, por trás da mão que escreve e do olho que vê, existe um ser humano que pensa e, por isso, alfabetiza-se.

Avaliação da aprendizagem e o Professor como Alfabetizador

O professor alfabetizador poderá descobrir que o conhecimento da leitura e da escrita é acessível a muitos, mas que é preciso saber como interpretar os procedimentos da alfabetização desenvolvidos para a sala de aula. Deve-se compreender que as atividades de interpretação e de produção de escrita começam antes da escolarização, ela se insere em um sistema de conceitos pré-elaborados.

Quando o adulto fornece informações sobre um texto, a criança processa este texto embasado em suas concepções infantis. Devemos então pensar qual o papel dos professores quanto à aprendizagem. Cabe ao professor deixar a criança descobrir por si mesma, criar condições para esta descoberta ao invés de oferecer a chave secreta do sistema alfabético (RODRIGUES, 2017, p. 45).

O conhecimento do aluno é construído por sua experiência em produzir seus textos, usando sua elaboração própria, reconstruindo com seu esforço pessoal: o professor deve ser o mediador desta construção. Às vezes, esta construção parece estranha aos olhos do professor alfabetizador, mas este deve compreender o que a criança pensou ao escrever aquela escrita. Deste modo, o indivíduo escreve do seu jeito e de forma limitada porque possui poucos conhecimentos, tem poucos recursos. Assim, o professor precisa se dispor a ajudar, deve promover a sua interação com o idioma de forma agradável e sem cobranças exageradas.

Em qualquer campo de atuação, o conhecimento profissional representa o conjunto de saberes que habilita o indivíduo para o exercício da profissão – no caso do professor é o conjunto de saberes que o habilita para o exercício do magistério, que o torna capaz de desempenhar todas as suas funções profissionais (SOARES, 2013, p. 45).

Observa-se que este repertório de saberes permite ao professor gerir a informação disponível e adequá-lo, estrategicamente, às situações que se colocam, a cada momento, sem perder de vista os objetivos previamente definidos. Não se pode considerar conhecimento profissional um conhecimento que não favoreça o exercício autônomo e responsável das funções profissionais que, no caso do professor, são marcadas consideravelmente pelo contexto, pelo imprevisível, pelo imponderável.

O comprometimento do professor consigo mesmo deve ser total. A capacidade de realizar um bom trabalho tem de superar todas as expectativas. Deve saber gerenciar sua sala de aula com amor e dedicação, que é a chave do sucesso de todos – professor e alunos. O professor deve ter coragem de fazer diferença com iniciativa e sem desperdiçar sequer uma oportunidade de mediar, problematizando a interação da criança com a linguagem escrita. Aprender a observar, a duvidar, a interrogar-se sobre o seu trabalho (TAVARES, 2014).

Sobre o exposto, Topczewski (2015) explica que o conhecimento se constrói num processo que exige do professor decisões que levam em conta a maneira como o aluno está pensando em cada situação, fazendo-o interatuar com o idioma escrito e intervindo de modo a maximizar a aprendizagem. É também construído pela experiência da criança em produzir, por meio de elaboração própria, de pesquisa, de reconstrução e do esforço pessoal, compartilhados com os colegas e com o professor – mediador do processo.

Para Rodrigues (2017), a vida nos devolve o resultado da nossa dedicação e do nosso esforço. Não é analisando seu comportamento que o muda, mas sim quebrando os padrões habituais, a rotina. O professor deve, então, construir grande competência profissional e melhorar sua qualidade de vida e de seus alunos. É necessário posicionar-se politicamente, e conciliar a prática pedagógica com o sonho político.

Segundo Freire (1997, p. 21):

(...) o ensino não é a alavanca para a mudança ou a transformação da sociedade, mas sei que a transformação social é feita de muitas tarefas pequenas e grandes, grandiosas e humildes! Estou incumbido de uma dessas tarefas... A questão agora é pôr minha prática ao lado de meu discurso. Isto é, como posso ser coerente em classe.

Ao entrar para a alfabetização a criança, segundo Chiarion e Incola (2018) entra num mundo novo, desconhecido, longe do que está habituada, e se vê obrigada a enquadrar-se no local. Cabe ao professor encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Silva (2015, p. 108) por sua vez afirma: “O professor, hoje, nestas terras brasileiras de tantas contradições e mentiras, tem uma responsabilidade fundamental: destruir os fetiches, depender mais de si mesmo e recuperar sua imaginação criadora”.

Assim, a postura do professor deverá ser de segurança, compreensão, equilíbrio e, acima de tudo, muito amor pelo que faz.

Silva (2015, p. 115) aponta, então, algumas competências para os professores alfabetizadores:

- Encarar os alunos como pessoas que precisam ter sucesso em suas aprendizagens para desenvolverem-se pessoalmente, para terem uma imagem positiva de si mesmo, orientando-se por este pressuposto;
- Desenvolver um trabalho de alfabetização adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos, acreditando que todos são capazes de aprender;
- Reconhecer-se como modelo de referência para o aluno: como leitor, como usuário da escrita e como parceiro durante as atividades;
- Utilizar o conhecimento disponível sobre os processos de aprendizagem dos quais depende a alfabetização, para planejar as atividades de leitura e escrita;
- Formar agrupamentos produtivos de alunos, considerando seu conhecimento e suas características pessoais;
- Selecionar diferentes tipos de textos apropriados para o trabalho;
- Responsabilizar-se pelos resultados obtidos em relação à aprendizagem dos alunos.

O desenvolvimento dessas competências profissionais é condição para que os professores alfabetizadores ensinem todos os seus alunos a ler e a escrever. No entanto, Zabala (2018) sinaliza que para que o professor atinja este nível de maturidade, é preciso: "práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas que contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção de seus saberes e de seus valores".

Ambiente Alfabetizador e a Promoção da Educação de Qualidade

O ambiente alfabetizador deve ser um lugar onde se promova um conjunto de situações de usos reais da escrita, nas quais as crianças participam. Salas de aulas cheias de escritas fixadas nas paredes não constituem, por si só, em ambientes alfabetizadores, em contexto de letramento: isso é algo que depende da criação do maior número possível de situações de uso real da escrita na escola (VIEIRA, 2016).

Segundo Soares (2013), a rotina diária também exige a criação de certas normas de comportamento escolar – facilitadores da construção da autodisciplina e do autoconceito – ajudam a criança a seguir um roteiro, previamente estabelecido, para o qual deu a sua contribuição, e, portanto, precisa se comprometer com a sua execução. O

professor deve estabelecer roteiros para a organização diária em sua classe, de modo produtivo e agradável, compartilhar com os alunos a responsabilidade pela seleção e execução do planejamento das atividades.

A sala de aula deve ser viva, produtiva, mas disciplinada. A disciplina é a organização do espaço escolar para favorecer a atividade dos alunos, sujeitos do processo de construção do conhecimento, e propiciar o estabelecimento de um clima propício à convivência e ao desenvolvimento do respeito pelo trabalho de todos. As interações dos alunos com outros e com os adultos, com o meio físico e social vai construir seus esquemas perceptuais motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. Vai também se construindo como pessoa, como indivíduo autônomo e responsável em um ambiente que se expressa tanto mediante o silêncio da concentração como o ruído de vozes no diálogo que precisa ocorrer na socialização das ideias e na coordenação de pontos de vista diferentes, na construção da capacidade argumentativa e na construção do próprio saber (RABELO, 2016).

A criança aprende com mais facilidade num ambiente inclusivo e amoroso, sem pressão, sem exigência autoritária e vai evoluindo dentro do seu interesse, no seu ritmo. Mediante a interação ativa com o objeto do conhecimento e com o meio físico e o social, o ato de educar oferece ao educador e ao educando inúmeras opções e oportunidades valiosas (SASSAKI, 2017).

Para a criança é um grande prazer e uma grande satisfação o fato de tornar-se capaz de ler. É necessário uma recepção calorosa, o alfabetizando precisa ser tratado com carinho e respeito, para que se sinta aceito e querido, especialmente pelo professor. Essas atitudes de receptividade contribuem efetivamente para a construção da sua autoestima, tão necessária ao seu desenvolvimento (TEBEROSKY; CARDOSO, 2017).

O professor deve interagir com cada aluno com compaixão e ternura. Uma pessoa é muito importante. O educador deve aprender sempre e construir uma sólida cultura sobre o "processo" de alfabetização e deverá criar possibilidades de aprendizagem significativa e segura para seus alunos. (FERREIRO, 2016, p. 233).

É preciso estimular a criança a dizer o que sente; ouvi-la é a melhor maneira de formar pessoas seguras e felizes. O ambiente deve ser propício para conversas sobre "valores", pois funciona mais do que sermão; valorizar o melhor de cada um é essencial, ajudá-lo a crescer, "acreditar", e assim adquirir o amadurecimento (SASSAKI, 2017).

A qualidade do ambiente – e consequentemente o desenvolvimento das aulas – está diretamente relacionada ao estado de espírito das pessoas. Alunos que se relacionam e se desenvolvem bem são aqueles que se sentem acolhidos, valorizados por seus talentos e que lidam bem com seus sentimentos.

Assim, o ambiente alfabetizador deve ser estimulador, deve estar relacionado ao real para que a criança se interesse, sinta prazer e alegria de estar integrada neste meio. Unindo a função do professor ao ambiente, objetivando o avanço do aluno à descoberta, ao conhecimento do valor social da leitura e da escrita, o processo da alfabetização estará enriquecido e será alcançado com grande êxito (RABELO, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se concluir que cabe ao professor intervir com a criança quando necessário e de forma coerente, para que assim o aluno se sinta motivado a continuar o seu desenvolvimento no processo de alfabetização, e podendo evidenciar a sua capacidade quanto aos desafios que lhe é imposto na sala de aula.

O educador deve apresentar a sua experiência pedagógica visando mediar uma condição melhor para que o aluno ao interpretar um texto seja capaz de compreender e assimilar o seu conteúdo fazendo com que a leitura seja assimilada e se torne relevante no seu processo de alfabetização.

Sendo assim o professor não poderá avaliar o aluno sem antes verificar se o mesmo conseguiu absorver o conteúdo necessário para que essa avaliação seja positivamente aceita pelo educando e passe uma certeza de que a avaliação é necessária e melhor aceita quando bem aplicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do processo de avaliação da aprendizagem, a LDB cita em seus artigos que este deverá ser realizado de maneira contínua e acumulativa, não tendo, portanto, o objetivo de classificar ou de selecionar os alunos, pois está fundamentado amplamente nos processos de aprendizagem nos aspectos cognitivo, afetivo e relacional, embasado em aprendizagens funcionais e significativas que são aplicadas em vários contextos e que estão em ampla atualização em prol da aprendizagem.

A prática da avaliação da aprendizagem ainda distorce dos preceitos da LDB no qual verifica-se que a maioria dos professores utiliza a avaliação como um instrumento quantitativo, classificando os seus alunos em médias finais, não sendo estes avaliados por sua qualidade, ficando reféns de resultados de testes que são realizados para medir o grau de captação de conteúdos ministrados em sala de aula, desfocando da função real da avaliação da aprendizagem que é de medir os conhecimentos como um todo.

Na maioria dos casos, o estudante pode não se enquadrar na expectativa do processo educacional, acabando por interiorizar a concepção de que não é capaz de avançar, crescer, segundo as suas potencialidades, por conta de um sistema de classificação que o determina se é fraco ou forte, selecionando-o a prosseguir ou fracassar com os estudos.

Neste contexto, presume-se que a avaliação da aprendizagem escolar poderá adquirir seu sentido real a partir da articulação de um projeto pedagógico que contemple a garantia da qualidade do seu resultado final como um todo e não apenas a classificação dos alunos por média.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, mar/2011.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 19. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2017.

CHIARION, R. A.; INCOLA, J. **Livro de alfabetização**. Coleção novo caminho. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2018. Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/alfabetizacao-e-seus-metodos/>> Acesso em: 10.mar.2021.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. Tradução de Horácio Gonzalez. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: sabores necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).

KRAMER, S. **Leitura e Escrita como Experiência**: notas sobre seu papel na formação. 16. ed. São Paulo: DP&A Editora, 2017.

- ORLANDI, E.; OTONI, P. (orgs). **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 209.
- RABELO, Edmar Henrique. **Novos Tempos, Novas Práticas**. São Paulo: Vozes, 2016.
- RODRIGUES, Neidson. **Por uma Nova Escola: o transitório e o permanente na educação**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SASSAKI, Romeu K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2017.
- SILVA, Lílian Lopes Martin da. (et al) **O Ensino de Língua Portuguesa no Primeiro Grau**. 22. ed. São Paulo: Atual Editora, 2015.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- TAVARES, Gedite Fontes. **Alfabetização**. São Luís: UEMA, 2014.
- TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. **Reflexão Sobre o Ensino da Leitura e da Escrita**. 23. ed. São Paulo: Trajetória Cultural, 2017.
- TOPCZEWSKI, Abram. **Aprendizagem e suas Desabilidades: como lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.